

# Pregação em Crise

Roberto dos Reis, M.Th.

Em alguns lugares a pregação do Evangelho enfrenta grandes dificuldades, e por que não dizer verdadeira crise. Há crise quando, em primeiro lugar, as *pregações são voltadas para o entretenimento*. Nossa sociedade, altamente midiática, está acostumada com o entretenimento. Digno de atenção é aquilo que traz contentamento, aquilo que traz satisfação, aquilo que proporciona prazer, alegria etc. Neil Postman (1931-2003), professor de Comunicação na Universidade de Nova Iorque, argumentava que a televisão tem mutilado a capacidade de pensar das pessoas e reduzido a aptidão para a verdadeira comunicação. Ao invés de tornar as pessoas mais informadas e eruditas, continua Postman, a televisão tem inundado as mentes com informações irrelevantes e sem significado, condicionando as pessoas ao simples entretenimento, tornando obsoletas outras formas de interação humana.

Objetivando o entretenimento, a satisfação, a alegria do “público”, a tendência em alguns meios evangélicos tem sido tornar a pregação mais atrativa. Por isso, apela-se para a emoção, para o estilo, para a técnica, esquecendo-se que o objetivo da igreja, não é o entretenimento. A tarefa suprema da igreja consiste, segundo Lloyd-Jones (2008), em proclamar, através da pregação do Evangelho transformador, a verdade, a fim de mostrar a real necessidade do homem e demonstrar o único remédio, a única cura, para essa necessidade.

Em segundo lugar, há crise quando as *pregações são voltadas para a informação*. Vivemos a era da informação. Nunca, em toda a história humana, tivemos ao nosso alcance um tão grande volume de informação como temos hoje. Queremos saber, queremos conhecer as coisas: *Como surgiu a Bíblia? O que é inspiração bíblica? O que é Cânon Sagrado? O que é calvinismo supralapsoriano? O que é pré-tribulacionismo?* Etc. Entretanto, *informação* não liberta o homem de seus pecados; *informação* não devolve a esperança; *informação* não garante o nome escrito no Livro da Vida. O que liberta o homem, o que lhe dá esperança e garante a inserção do nome

no Livro da Vida é a salvação em Cristo Jesus, a salvação que se dá mediante a plena compreensão e aceitação do plano salvífico. Não pregamos para informar, pregamos para transformar o homem velho em nova criatura (Cl.3.10; 2Co.5.17), pregamos para salvar. Assim sendo, pregar é expor a Palavra de Deus de maneira que os ouvintes entendam e sejam alcançados por ela. Portanto, tudo o que for contrário a esse princípio fundamental deve ser extirpado de nosso meio.

E terceiro lugar, há crise quando as *pregações são voltadas para o mercado dos bens religiosos*. Não desejando entrar nas questões sociológicas propriamente ditas tal como definidas por Peter Berger e tantos outros sociólogos da religião, no sentido de expor o contexto mercadológico das religiões (e igrejas) e como elas se engalfinham numa luta desesperada por hegemonia, por maior número de adeptos e por oferecer os melhores e mais acessíveis bens religiosos, numa verdadeira concorrência sacra, onde quem “vende” mais, se “estrutura” mais, e porque se estrutura mais, têm mais chance de permanecer nesse contexto autofágico. Mas sim, chamar a atenção para o fato de que em alguns espaços evangélicos, a pregação do Evangelho tem sido voltada exclusivamente para a conquista de novos membros. Prega-se, não para benefício do Reino de Deus, mas para engrossar o rol de membros da igreja; prega-se, não porque o pecador precisa da Graça que liberta, mas porque necessitamos permanecer, e nos perpetuar, enquanto denominação. Para posturas como essas, é indispensável ouvirmos as sábias palavras do apóstolo aos gentios: “*A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas de demonstração do Espírito e de poder [...]*”,<sup>1</sup> 1Co.2.4; “[...] *Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus*”,<sup>2</sup> 2Co.2.17.

A palavra utilizada por Paulo para *mercadejar* é, no grego, *καπηλέω*,<sup>3</sup> e significa literalmente *lucrar com um negócio*. Esta é a única vez em que o termo aparece no Novo Testamento. A Septuaginta o emprega em Is. 1.22: “*A tua prata [Jerusalém] se tornou em escória, o teu licor se misturou com água*”,<sup>4</sup> se referindo aos comerciantes que enganavam os compradores adulterando o produto para obter maior lucro. Platão, por sua vez, utilizava a palavra para se referir aos falsos filósofos, àqueles pseudo-

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

<sup>2</sup> Grifo nosso.

<sup>3</sup> Ler-se: *kapeléo*.

<sup>4</sup> Acréscimo nosso.

pensadores que logravam com a prática da filosofia. No contexto paulino, *καπηλέω*<sup>5</sup> se refere aos pregadores que mascateiam a Palavra de Deus para benefício próprio, o lucro fácil é seu verdadeiro objetivo.

Deve-se ressaltar que não está em foco o sustento ministerial daqueles que zelam pelo rebanho do Senhor, afinal de contas, como enfatiza o próprio apóstolo, “*o trabalhador é digno do seu salário*” (1Tm.5.18), mas sim, o caráter maligno daqueles que utilizam os préstimos do Evangelho, mediante a pregação, para o enriquecimento desonesto, tratando o precioso ministério da Palavra como prática mercadológica.

## A Importância da Pregação

A pregação é importante, e insubstituível, por três razões, entre outras. A primeira delas é que a **pregação é uma ordenança**. A pregação do Evangelho não é um favor que se faz a Deus; não é uma retribuição nossa pelas bênçãos que Ele nos dá. A pregação é uma ordem divina! “[...] *Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai, e prega o reino de Deus*”,<sup>6</sup> Lc.9.60; “*Quando eu disser ao perverso: Certamente morrerás; e tu não o avisares, e nada disseres para o advertir do seu mau caminho, para lhe salvar a vida, esse perverso morrerá na sua iniquidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei*”, Ez.3.18.

A segunda razão é que a **pregação é uma extensão da própria vida da igreja**. Não concebemos a igreja sem a pregação do Evangelho. *Pregar* é parte integrante de sua própria existência. A pregação está para a igreja como a respiração está para os seres vivos: “[...] *Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*”, Mc.16.15.<sup>7</sup>

A terceira razão é que a **Pregação é o Principal Instrumento de Difusão do Evangelho**. Em Rm.10.14, Paulo escreve: “[...] *como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?*[...]”. Os apóstolos, os discípulos, os pais da igreja e todos os

---

<sup>5</sup> Ler-se: *kapeléo*.

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> Grifo nosso.

pregadores ao longo da história cristã compreendiam a centralidade da pregação como elemento indispensável na propagação do Evangelho que, evidentemente, deve estar inseparavelmente ligado à vivência.

## A Importância do Pregador

A tarefa de comunicar o Evangelho foi entregue exclusivamente ao homem. A nenhuma outra criatura, além do homem, por mais excelente que seja, pesa essa sublime responsabilidade: “A *eles [os profetas da antiga aliança]* foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as cousas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, cousas essas que anjos anelam *perscrutar*”, 1Pe.1.12<sup>8</sup>.

Agora observe uma coisa interessante no texto bíblico que acabamos de citar: A palavra traduzida por “*perscrutar*”, tal como aparece na tradução de *Almeida Revista e Atualizada* e “*entender*”, constante na tradução da *Linguagem de Hoje*, ambas publicadas pela Sociedade Bíblica (SBB), são oriundas do termo grego “*παρακυψαι*”<sup>9</sup>, que significa “*por a cabeça para fora*”, inferindo a imagem de alguém desejando ver alguma coisa através de uma janela ou porta. Algumas vezes a palavra traz o sentido introspectivo, ou seja, “*para dentro*”, mas, mais frequentemente, com o sentido literal de movimento. Partindo desse entendimento, “*παρακυψαι*” poderia ser traduzido literalmente por “*inclinarse para olhar*”, preservando a ideia de movimento, ou seja, os anjos observam ardorosamente a maneira como a mensagem do Evangelho é disseminada entre os homens por intermédio da igreja. É justamente essa exclusividade da pregação, sem sombra de dúvida, que gira entorno da fragilidade e dependência humanas. A pregação do Evangelho foi destinada a nós, homens e mulheres, fracos, imperfeitos, limitados, mortais. Sabe o porquê? Por que a glória sempre é de Deus (Is.42.8).

Entretanto, para que o pregador alcance as expectativas de Deus ele precisa, em primeiro lugar, *ter experiência com o Senhor*. Independentemente de sermos

---

<sup>8</sup> Acréscimo e grifo nossos.

<sup>9</sup> Ler-se: “*parakýpsai*”.

pregadores tradicionais, pentecostais ou nem este, nem aquele, não importa! Precisamos ter experiência com Aquele que nos envia. Isso mediante uma vida de oração, consagração, santificação e leitura bíblica. Somente assim, será estabelecida uma conexão com o Espírito Santo e a obtenção de inspiração para ministrar a Palavra de Deus.

Em segundo lugar, o pregador precisa *viver incondicionalmente aquilo que prega*. Desesperada porque seu filho não parava de consumir açúcar, uma mãe aproximou-se de Gandhi, rogando-lhe:

– *“Por favor, Mahatma,<sup>10</sup> aconselhe meu filho a não comer açúcar, pois esse hábito é prejudicial à sua saúde”*.

Gandhi, após ouvir o apelo desesperado daquela jovem senhora, lhe solicita que retorne, trazendo-lhe o garoto, duas semanas depois. Transcorrido o prazo, e sem entender a razão, a mãe retorna trazendo-lhe o menino. Pondo-o diante de Gandhi, repete-lhe o mesmo apelo:

– *Por favor, Mahatma, aconselhe meu filho a não comer açúcar, pois esse hábito é prejudicial à sua saúde*.

Gandhi, olhando o menino nos olhos e segurando suas mãos, lhe diz com ternura:

– *Não coma açúcar*.

A mãe, surpresa, e ao mesmo tempo indignada pelo fato de ter esperado duas semanas para ouvir aquelas simples palavras, pergunta ao grande pacifista indiano:

– *Mahatma, porque o senhor me mandou retornar duas semanas depois, quando suas únicas palavras seriam “não coma açúcar”?*

Gandhi, voltando os olhos para aquela jovem mãe, lhe responde serenamente:

– *É porque duas semanas atrás eu comia açúcar*.

O pregador do Evangelho precisa viver aquilo que prega. Atitudes e atos falam mais alto que mil palavras. Quando nosso comportamento não condiz com o que

---

<sup>10</sup> “Mahatma”, “Grande alma”, em hindu.

falamos, a nossa eloquência e verbosidade de nada serve. A mensagem, portanto, deve ser sentida no coração para que sua oratória não se transforme em ato teatral, onde as palavras são ensaiadas e a vida jogada ao relento.

Em terceiro lugar, o ***Pregador precisa de inspiração***. A *inspiração* é aquele momento em que o pregador recebe de Deus a mensagem certa, a palavra adequada. Não o que a igreja espera, mas aquilo que ela necessita ouvir. Isso significa romper com a relação nefasta entre desejo e necessidade, uma vez que nem sempre aquilo que desejamos é verdadeiramente aquilo que necessitamos.

Em quarto lugar, o ***Pregador precisa viver a humildade***. Humildade é o reconhecimento de nossas limitações, de nossas capacidades. É a virtude que nos fornece a medida exata de nossa fraqueza, reverência, modéstia e submissão, nos fazendo reconhecer até onde podemos ir. A arrogância, bem como todo e qualquer sentimento dessa natureza, serve tão somente para atravancar a pregação do Evangelho e transformar a igreja numa arena de exibição para o ego.

Em quinto lugar, o ***Pregador precisa depender de Deus quanto aos resultados***. Todo pregador deseja resultados positivos e satisfatórios. Entretanto, devemos ter consciência de que o maior interessado pelos resultados é o próprio Deus. Isso significa dizer que o que compete ao pregador é pregar o Evangelho e os resultados, independentemente de sua capacidade, são exclusivamente divinos: “*Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus*”, 1Co. 3.6.

Finalmente, o ***Pregador precisa amar***. Amor. Eis o sentido supremo da vida! A ausência do amor é a ausência de tudo (1Co.13). O pregador precisa amar aquilo que ele faz. Precisa amar as pessoas. Precisa amar o ministério que exerce. Sem esse precioso e indispensável ingrediente a ministração do Evangelho tornar-se-á opaca, fria e dissonante.

A rigor, a pregação do Evangelho é uma tarefa de imensa responsabilidade. Confiada aos homens pelo próprio Senhor, não pode ser executada de qualquer maneira e nem motivada por qualquer sentimento. É necessário, além do comprometimento sério com os princípios do Reino e da convicção inabalável de que somos vocacionados e chamados pelo Senhor da Seara, o amor altruísta que emana do coração do próprio Deus. É isso que nos torna verdadeiros arautos das verdades do Evangelho, não as

técnicas de prolação e nem as artimanhas de persuasão amplamente utilizadas em alguns espaços eclesiais encravados no atual cenário sócio-religioso. A pregação do Evangelho é nobre, logo, a postura do pregador também deve ser nobre. É essa a mentalidade que devemos desenvolver ao longo do ministério que nos foi confiado: a Nobreza do Evangelho.

A igreja, portanto, não pode ser confundida com nenhum ajuntamento social ou grupo cooperativo, e sua missão, conseqüentemente, não pode ser executada a partir de técnicas de convencimento ou de meras posturas administrativas como se ela fosse produto da elucubração humana. A igreja, pelo contrário, é resultado da providência divina, do desejo de Deus de Se relacionar com os homens, e tudo aquilo que diz respeito a ela deve ser tratado à luz das Sagradas Escrituras. Eis o segredo para o sucesso e a realização plena da tarefa a nós confiada. Seja como for, temos uma grande responsabilidade. Pesa sobre nós o compromisso de sermos fiéis aos propósitos do Reino, e isso significa estrita afinidade com a Bíblia e honestidade em relação a seus preceitos. O soberano Senhor confiou a nós essa inaudita tarefa, a mais sublime de toda a história: a pregação da Palavra de Deus.

## **Referências Bibliográficas**

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. 1ª ed., São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. 1ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

GILBERLLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. 1ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GUNDRY, Roberto H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.

HARRIS, R. Lairde / ARCHER JR., Gleason L. / WALTER, Bruce K. *Dicionários Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1ª ed., São Paulo: Vida Nova, 1998.

LANCHLER, Karl. *Prega a Palavra*. 1ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

LLOYD-JONES, D. Martin. *Pregação e Pregadores*. 2ª ed., São José dos Campos: Editora Fiel, 2008.

RIENECKER, Fritz / ROGERS, Cleon. *Clave Linguística do Novo Testamento Grego*. 1ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

VAN GRONINGEN, Gerard. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. 1ª ed., Campinas: Editora Luz para o Caminho, 1995.